

MODELO ESTATÍSTICO PARA FILTRAGEM DE EXEMPLOS NEGATIVOS NA DETECÇÃO DE PEDESTRES

DOUGLAS ALMONFREY*, RAQUEL FRIZERA VASSALLO[†], EVANDRO OTTONI TEATINI SALLES[‡],
MYLÈNE C.Q. FARIAS[‡]

*IFES, Av. Vitoria, 1729, Vitoria, ES, Brasil

[†]UFES, Av. Fernando Ferrari, 514, Vitoria, ES, Brasil

[‡]UnB, Brasília, DF, Brasil

Emails: dalmonfrey@ifes.edu.br, raquel@ele.ufes.br, evandro@ele.ufes.br,
mylene@ieee.org

Abstract— Methods for automatic pedestrian detection have presented a lot of progress in the last years motivated mainly by driver assistance systems, demanded by autonomous cars. Most of the pedestrian detection solutions are appearance-based and demand exhaustive sliding windows search over the image. In general, these solutions have a high computational cost. As the detection time is critical for real time applications, procedures to filter out negatives and generate candidate windows (FENGJC) are often useful to reduce the number of evaluations by the detector. Besides that, the elimination of negatives tends to change the distribution of the data used by the detector, and, when applied at the end of the detection task, the FENGJC procedure tends also to influence in the precision and quality of the detector. In this sense, this work employs a statistical pedestrian model based on histograms of oriented gradient to build a novel FENGJC technique.

Keywords— Pedestrian Detection, Negative Filtering.

Resumo— A detecção automática de pedestres em imagens tem sido objeto de grande atenção nos últimos anos, principalmente devido ao aumento de pesquisas na área de veículos autônomos. A maioria das soluções para o problema de detecção de pedestres utilizam modelos baseados em aparência e a busca exaustiva na imagem por meio de janelas deslizantes. Em geral, essas soluções possuem um alto custo computacional. Como o tempo demandado durante a detecção é crítico para aplicações de tempo real, a filtragem de exemplos negativos e a geração de janelas candidatas (FENGJC) é importante para se ter uma redução no número de inspeções realizadas pelo detector na imagem. Além disso, os mecanismos de FENGJC tendem a alterar a distribuição dos dados analisados pelo detector de pedestres, e, quando aplicados na saída do detector, impactam também na precisão e na qualidade da detecção. Nesse sentido, o presente trabalho desenvolve um modelo estatístico do pedestre, baseado em características extraídas de histogramas de gradiente orientado com o objetivo de construir um novo procedimento de FENGJC.

Palavras-chave— Detecção de Pedestres, Filtragem de Negativos.

1 Introdução

A detecção de pedestres sempre foi um assunto relevante em visão computacional e processamento de imagens e vídeos, devido à importância da detecção, identificação e monitoramento dos seres humanos em uma variedade de cenas (Nguyen et al., 2016). Contudo, essa área de pesquisa tem se tornado cada vez mais importante, principalmente devido ao recente crescimento de pesquisas na área de veículos autônomos (Gerónimo et al., 2010).

Na detecção de pedestres, além da qualidade, o tempo de processamento é fundamental. Embora o tempo demandado no treinamento do detector seja importante, o tempo do processo de detecção é crucial. Desta forma, diferentes soluções foram propostas na literatura no sentido de reduzir a complexidade computacional e o tempo do processo de detecção. Dentre essas soluções destacam-se a utilização do conceito de imagem integral (Viola et al., 2003), o emprego de classificadores em cascata (Dollár, Appel and Kienzle, 2012), detecção multiescala utilizando aproximações exponenciais (Dollar et al., 2014) e uso de unidades gráficas de processamento (UGP) (Benenson et al., 2012). Detectores em cascata estão diretamente relacionados a procedimentos

de Filtragem de Exemplos Negativos¹ e Geração de Janelas Candidatas (FENGJC). Eles tendem a empregar classificadores com alto *recall*² e alto desempenho computacional, para gerar janelas candidatas para detectores de melhor qualidade e maior tempo de detecção.

O presente trabalho propõe uma estratégia de FENGJC que, até onde se pode constatar, é diferente das existentes na literatura e que pode ser utilizada em uma abordagem em cascata, tanto a priori como a posteriori ao processo de detecção. Quando utilizada a priori, o objetivo é eliminar exemplos negativos, gerando um conjunto de janelas candidatas para o procedimento de detecção, reduzindo o número de avaliações necessárias por parte do detector de pedestres. Quando utilizado a posteriori, o objetivo é reduzir o número de falsos positivos identificados pelo detector de pedestres, melhorando sua precisão.

Este trabalho possui a seguinte organização: na Seção 2, uma breve revisão da literatura é apresentada e, na Seção 3, o modelo estatístico desen-

¹Exemplos negativos, no contexto do presente trabalho, são aquelas partes da imagem em que pedestres não estão presentes. Exemplos positivos são partes da imagem onde pedestres estão presentes.

²*Recall* é o termo em inglês que está relacionado a quantidade de eventos relevantes obtidos dentre todos os eventos relevantes existentes.

volvido é abordado. Em seguida, na Seção 4, os procedimentos experimentais e seus resultados são discutidos e, por fim, na Seção 5, são feitas as considerações finais sobre este artigo.

2 Trabalhos Relacionados

A maioria das soluções, existentes na literatura para detecção de pedestres, empregam o modelo baseado em aparência (*appearance-based*), sendo alguns exemplos abordados em (Zhang et al., 2015; Dollar et al., 2014; Yang et al., 2015). Esse modelo utiliza características (*features*) como descritores de partes da imagem e envolve uma etapa de treinamento de um classificador, em geral, realizado de maneira supervisionada. A etapa de treinamento antecede a de detecção, que, na maioria dos casos, utiliza um método de busca exaustiva pela imagem, conhecido como janela deslizante (JD) (*sliding window*). A Figura 1 apresenta um fluxograma simplificado de um detector de pedestres.

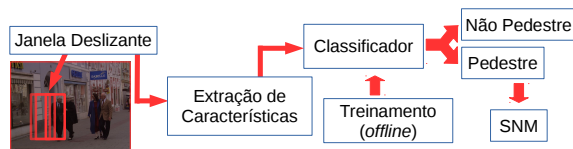


Figura 1: Fluxograma de um detector de pedestres. SNM significa supressão de não máximo.

O mecanismo de FENGJC, também chamado de *detection proposal* na literatura, pode substituir o procedimento de JD na Figura 1, gerando janelas candidatas para a etapa de extração de características. Sendo assim, filtram-se janelas que correspondem a exemplos negativos e evita-se a busca exaustiva. Se a complexidade computacional do mecanismo de FENGJC for menor que a do detector, uma redução no tempo de processamento pode ser obtida, haja visto que o detector realizará menos avaliações. A filtragem de negativos pode também ser posicionada imediatamente antes ou após o procedimento de supressão de não máximo (SNM), de maneira a eliminar detecções que são falsos positivos, melhorando a precisão do detector. É válido ressaltar que a SNM é uma etapa do detector de pedestres que elimina múltiplas detecções relativas a um mesmo pedestre³. O método de FENGJC influencia também no processo de treinamento, pois altera a distribuição dos exemplos negativos com os quais o detector está trabalhando, principalmente se etapas de *hard negative mining* forem utilizadas.

Em (Hosang et al., 2014), um estudo sobre os métodos de *detection proposals* existentes na lite-

ratura de detecção de objetos é realizado. Além disso, uma plataforma de comparação unificada desses métodos é desenvolvida. Dentre as métricas dessa plataforma de comparação estão a repetibilidade, o critério da área de intercessão sobre união (*intersection over union criteria* - IoU), o número de janelas candidatas retornadas e o *recall* considerando a variação de cada uma dessas métricas. Considerando-se o compromisso entre as métricas analisadas, os métodos *EdgeBox* (Zitnick and Dollar, 2014), que utiliza aprendizado de máquina, e o *Selective Search* (Uijlings et al., 2013), que não envolve aprendizado e utiliza superpíxeis, foram os que apresentaram os melhores resultados.

Recentemente, em (Hosang et al., 2015), em um dos resumos mais completos sobre *detection proposals* da literatura, expande-se o trabalho realizado em (Hosang et al., 2014). Apresentam-se as métricas, dentre as avaliadas em (Hosang et al., 2014), que resultam em uma melhor predição da qualidade da detecção quando utilizando *detection proposal* junto ao detector chamado LM-LLDA. Chega-se a conclusão de que não há a garantia de que o método de FENGJC venha a melhorar o desempenho de um detector de objetos em termos da qualidade de detecção. Espera-se, ainda, que um procedimento de detecção que utilize janelas deslizantes tenha um desempenho no mínimo tão bom quanto o que utiliza o *detection proposal*. Contudo, utilizando-se as métricas adequadas, pode-se obter resultados competitivos entre métodos que utilizam e não utilizam *detection proposals*.

A solução proposta neste trabalho para o problema de FENGJC tem como foco a tarefa de detecção de pedestres. A maioria das soluções atualmente existentes na literatura são voltadas para a detecção de objetos, da qual a detecção de pedestres é uma instância. O método proposto neste trabalho é inspirado na tabela de probabilidade e máscara de pré-filtragem de pedestres apresentada em (Liu et al., 2014), um dos poucos trabalhos conhecidos na literatura de detecção de pedestres que emprega diretamente mecanismos de FENGJC. Como contribuições em relação ao referido trabalho, destacam-se a alteração no conjunto de características empregadas para gerar o modelo estatístico do pedestre, a modificação no procedimento de obtenção da máscara de pré-filtragem e a realização de dezenas de experimentos para validação dos resultados, utilizando um procedimento estatístico consistente.

É importante salientar que nenhum dos procedimentos apresentados em (Hosang et al., 2015) utilizam modelos estatísticos tais quais o desenvolvido neste trabalho para remover negativos e gerar janelas candidatas. Em geral, são utilizados procedimentos que empregam classificadores, passando por um processo de aprendizado, ou características de baixo nível em um processo de seg-

³Como a detecção de pedestres é multiescala, haja visto que não se sabe o tamanho do pedestre na imagem a priori, múltiplas detecções de um mesmo pedestre podem ocorrer em diferentes escalas ou em uma única escala.

mentação. Considerando-se ainda a escassez de procedimentos de FENGJC na área da detecção de pedestres, a solução apresentada neste trabalho representa uma proposta diferente da existente na literatura.

3 Modelo Estatístico Proposto

Nesse trabalho, um modelo estatístico do pedestre é proposto para auxiliar no procedimento de FENGJC. Esse modelo estatístico é inspirado na tabela de probabilidade e máscara de pré-filtragem de pedestres apresentadas em (Liu et al., 2014) e reproduzidas abaixo

$$P(y, x, V_C^{(i)}(y, x)) \text{ e } M(y, x) = \frac{1}{sdv(V_C^{(i)}(y, x))}, \quad (1)$$

onde V_C é a característica em questão, $i = 1...K$ exemplos positivos e sdv o desvio padrão. Essa tabela de probabilidade P é um histograma em função da posição (y, x) , do leiaute padrão do pedestre, e da magnitude ou a orientação (V_C) da imagem de gradiente de Sobel do pedestre.

Neste artigo, será utilizado como característica, para a formulação do modelo probabilístico, o Histograma de Gradiente Orientado - *Histogram of Oriented Gradient* (HOG) (Dalal and Triggs, 2005). A construção do HOG é baseada no histograma do gradiente para diferentes orientações e isso o torna um descritor mais completo e eficaz que a imagem do gradiente de Sobel. O modelo probabilístico da Equação 1 será adaptado para ser representado em função da orientação e da magnitude do gradiente, naquela orientação, conforme apresentado na seguinte equação

$$P(y, x, M_\varphi, \varphi), \quad (2)$$

onde φ e M_φ são a orientação e sua magnitude fornecida pelo descritor HOG.

O resultado da obtenção do HOG de uma imagem são canais (imagens) contendo a magnitude em cada posição (y, x) da orientação representada pelo respectivo canal. Neste trabalho, são consideradas seis orientações ($1 = 90^\circ$, $2 = 60^\circ$, $3 = 30^\circ$, $4 = 0^\circ$, $5 = -30^\circ$ e $6 = -60^\circ$), e cada um dos seis canais obtidos, possui as mesmas dimensões vertical e horizontal da imagem original. Além disso, a magnitude do HOG é representada no intervalo $[0, 255]$ e o leiaute padrão do pedestre empregado   de 32×16 pixels⁴. Desta forma, a construção do modelo probabilístico do pedestre será realizada conforme apresentado no Algoritmo 3.1. As saídas do algoritmo são 2 histogramas. P é a tabela de probabilidade que considera todas as magnitudes e orientações e M   uma máscara de pré-filtragem obtida marginalizando-se P em relação às orientações e magnitudes de interesse. M  , portanto, um histograma representado por uma matriz bi-dimensional.

⁴O leiaute do pedestre possui as mesmas dimensões da janela deslizante utilizada na detecção.

Algoritmo 3.1: Construção do modelo estatístico.

```

1  entrada:
2  K imagens  $X_i(y, x, canal)$  RGB de pedestres.
3  saída:
4  Tabela de Probabilidade:  $P(y, x, M_\varphi, \varphi)$ ;
5  Máscara de Pré-filtragem:  $M(y, x)$ .
6  início
7   $P$  e  $M$  = inicializaZero();
8  para  $i = 1$  até  $K$ 
9     $HOG(y, x, \varphi)$  = calculaHOG( $X_i$ )
10   para  $u = 1$  até  $16$ ,  $v = 1$  até  $32$ ,
11      $o = 1$  até  $6$ 
12      $P(v, u, HOG(v, u, o) + 1, o) =$ 
13      $P(v, u, HOG(v, u, o) + 1, o) + 1$ 
14   fim
15 fim
16  $ori = [1, 2, 3, 5, 6]$  - orientações do HOG
17  $minMag = 70$ 
18  $M(v, u) =$ 
19 soma(soma( $P(:, :, minMag:256, ori)$ , 3), 4)
20  $M = \text{normaliza}(M)$ 
21 fim

```

Na obtenção de M , a orientação de 0° é descartada, pois essa orientação está geralmente relacionada a elementos que não são pedestres. Essa afirmação é de certa forma intuitiva, pois o pedestre, em imagens e na maior parte dos casos, aparece em p , possuindo, portanto, contornos com orientações próximas a direção vertical. Além disso, essa decisão também se justifica com base na anisotropia das imagens naturais, que, segundo (Hyvri nen et al., 2009), apresentam uma maior correlação na direção horizontal. Como o pedestre, em geral, não ocupa a maior parcela de uma imagem natural, essa anisotropia se deve em grande parte a regiões da imagem que não contemplam o pedestre. Dessa forma, eliminar as orientações relacionadas a essas regiões torna o modelo estatístico do pedestre mais adequado. Além disso, magnitudes de HOG abaixo de um determinado limiar também não são consideradas na construção do modelo, pois geralmente estão relacionadas a orientações de difícil determinação, o que não é o caso do pedestre e seus contornos. Repare que um limiar de 70 foi estabelecido de forma empírica, embora a solução seja relativamente estável para valores próximos a esse limiar.

Após obtidos os histogramas P , M , de posse de um conjunto de imagens de pedestres, pode-se realizar a estimativa do limiar de separação L , empregado para classificar janelas de detecção em exemplos positivos e negativos. A estimativa de L é apresentada no Algoritmo 3.2.

Repare que o valor do limiar escolhido no Algoritmo 3.2 é o mínimo valor do produto interno (PI) entre P e M . Essa decisão pode ser compreendida por meio da Figura 2(a), onde são exibidos os histogramas (vetorPI) dos exemplos positivos e negativos. Assim como no caso dos exemplos positivos, o vetorPI para exemplos negativos pode ser obtido por meio do Algoritmo 3.2. Observe, por meio da Figura 2(a)⁵, que o mínimo valor de

⁵As abscissas dos gráficos da Figura 2 são diferentes, pois as tabelas de probabilidade e máscaras de pré-filtragem utilizadas no cálculo de PI , pelos dois modelos sendo comparados, são diferentes.

PI , para os exemplos positivos, permite filtrar, aproximadamente, metade dos exemplos negativos, sem eliminar qualquer exemplo positivo. De certo, para os conjuntos de validação, existe a possibilidade de que alguns exemplos positivos sejam descartados.

Algoritmo 3.2: Estimativa do limiar L .

```

1  entrada :
2  K imagens  $X_i(y, x, canal)$  RGB de pedestres.
3  Tabela de Probabilidade:  $P(y, x, M_\varphi, \varphi)$ ;
4  Máscara de Probabilidade:  $M(y, x)$ .
5  saída :
6  Limiar:  $L$ 
7  início
8   $ori = [1, 2, 3, 5, 6]$  - orientações do HOG
9   $minMag = 70$ 
10 para  $i = 1$  até  $K$ 
11    $HOG(y, x, M_\varphi, \varphi) = \text{calculaHOG}(X_i)$ 
12    $PI = 0$ ;
13   para  $u = 1$  até  $16$ ,  $v = 1$  até  $32$ 
14      $o = 1$  até  $\text{tamanho}(ori)$ 
15     se ( $HOG(u, v, ori(o)) \geq minMag$ )
16        $PI = PI +$ 
17        $P(v, u, HOG(v, u, ori(o)) + 1, ori(o)) * M(u, v)$ 
18     fim
19   fim
20    $\text{vetorPI}(i) = PI$ 
21 fim
22  $L = \text{minimo}(\text{vetorPI})$ 
23 fim

```

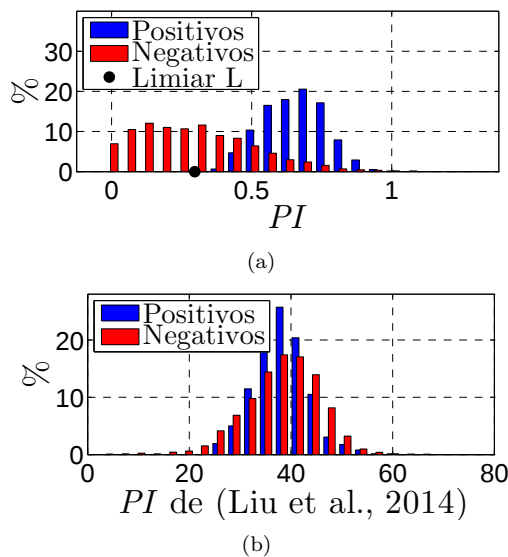


Figura 2: Histograma das ocorrências de valores de PI para exemplos positivos e negativos (a) do presente trabalho e (b) de (Liu et al., 2014).

O método apresentado em (Liu et al., 2014) necessita de um processo adicional de otimização usando mínimos quadrados, para obter um limiar adequado de separação entre os exemplos positivos e negativos. Esse procedimento adicional não é necessário no método proposto neste trabalho. A Figura 2(b) apresenta o histograma dos exemplos positivos e negativos, quando considerando o modelo estatístico de (Liu et al., 2014) sem o procedimento de otimização. Repare, por meio da Figura 2(b), a dificuldade em se encontrar um limiar de separação entre exemplos positivos e negativos. As Figuras 2(a) e 2(b) foram obtidas a partir do conjunto de treino do banco de dados

INRIA. Além da utilização do HOG, ao invés do gradiente de Sobel, como característica para obtenção da tabela de probabilidade, a máscara de pré-filtragem M deste trabalho é mais adequada que a de (Liu et al., 2014) sem o procedimento de otimização, conforme pode ser visto na Figura 3. Conforme apresentado na Equação 1, a máscara de pré-filtragem de (Liu et al., 2014) é baseada apenas no desvio padrão das características.

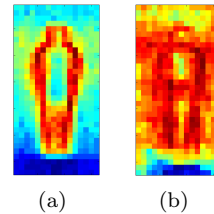


Figura 3: (a) Máscara de probabilidade desenvolvida neste trabalho e em (b) (Liu et al., 2014).

4 Resultados Experimentais

4.1 Metodologia dos Experimentos

Para validar os resultados, são empregadas duas bases de dados da literatura de detecção de pedestres: INRIA (Dalal and Triggs, 2005) e Caltech (Dollár, Wojek, Schiele and Perona, 2012). Como métricas para a análise dos resultados, são utilizados o *recall* e a taxa de eliminação de negativos (*txElimN*). Nos experimentos onde o método de FENGJC é validado isoladamente, as janelas de exemplos negativos são aleatoriamente amostradas das imagens da base de dados, antes de passarem pelo procedimento de FENGJC. Por isso, são realizadas 10 rodadas aleatórias com diferentes sementes (*seeds*) e como resultado são apresentados a média e o desvio padrão de cada métrica. Esse procedimento agrega robustez à validação e não foi empregado em (Liu et al., 2014). Por fim, um último processo de validação é o emprego do procedimento de FENGJC junto ao detector de pedestres ACF (Aggregated Channel Features) (Dollar et al., 2014), de forma a observar seu impacto na qualidade das detecções.

4.2 Experimentos

No primeiro conjunto de testes, o desempenho do método de FENGJC é analisado em diferentes cenários. Para realizar a estimativa do limiar L , é utilizada a metade dos exemplos positivos dos conjuntos de treino das bases de dados. Os exemplos positivos são obtidos por meio das anotações existentes nos conjuntos dos bancos de dados. Existem, respectivamente, 1236 e 589 pedestres anotados nos conjuntos de treino e teste da base de dados INRIA e 12249 e 998 nos conjuntos de treino e teste da base de dados Caltech. Já os exemplos negativos são obtidos por meio de amostragem aleatória de 5000 janelas dessas bases. Desta forma,

o desvio padrão é exibido apenas para a txElimN.

A Tabela 1 apresenta os resultados da primeira rodada de experimentos. Para os casos onde o limiar foi obtido e testado na mesma base de dados, o *recall* foi muito próximo ou igual a 100%, enquanto a txElimN ficou em torno de 50%. Se utilizado em um estágio anterior ao processo de detecção, o procedimento de FENGJC reduz em aproximadamente 50% o número de inspeções necessárias por parte do detector em janelas de exemplos negativos, não eliminando qualquer exemplo positivo a priori. Dependendo do tempo de detecção do detector de pedestres, o ganho de tempo pode ser considerável. Em (Liu et al., 2014), o *recall* foi de 99.02% com uma txElimN de 59.54% após o procedimento de otimização, no banco de dados INRIA,  nico caso avaliado. Embora mais exemplos negativos tenham sido descartados em relação ao presente trabalho, procedimentos de FENGJC devem sempre buscar o maior *recall* possível. Por fim, quando se realiza o treinamento e o teste do procedimento de FENGJC em bases de dados diferentes, o desempenho sofre uma redução, devido as particularidades das distribuições dos dados de cada base. Esse tipo de teste é desafiador na detecção de pedestres e, geralmente, leva a uma redução de desempenho nos procedimentos sendo avaliados, conforme pode ser constatado em (Benenson et al., 2015).

Tabela 1: Resultados do procedimento de FENGJC nos bancos de dados INRIA e Caltech

Treino	Teste	<i>recall</i> (%)	txElimN (%)
INRIA-Treino	INRIA-Treino	100,00	55,09 $\pm$ 1,92
INRIA-Treino	INRIA-Teste	100,00	52,81 $\pm$ 1,55
INRIA-Treino	Caltech-Treino	89,41	73,29 $\pm$ 0,87
INRIA-Treino	Caltech-Teste	89,36	71,47 $\pm$ 0,84
Caltech-Treino	INRIA-Treino	100,00	39,56 $\pm$ 1,58
Caltech-Treino	INRIA-Teste	100,00	38,17 $\pm$ 1,51
Caltech-Treino	Caltech-Treino	99,98	50,70 $\pm$ 0,54
Caltech-Treino	Caltech-Teste	100,00	49,52 $\pm$ 0,62

Neste ponto, destaca-se a importância de uma das contribuições deste artigo, que é a filtragem das magnitudes e orientações de interesse na construção do modelo estatístico do pedestre. Caso fossem utilizadas todas as magnitudes e orientações retornadas pelo HOG na construção do modelo estatístico, o resultado do procedimento de filtragem de negativos apresentaria uma redução de desempenho considerável, conforme apresentado na Tabela 2. Apenas a base de dados INRIA-Treino foi empregado neste conjunto de experimentos, de forma que os resultados da Tabela 2 devem ser comparados com a primeira linha da Tabela 1. Considerar todas as magnitudes e orientações possíveis é o mesmo que não utilizar a máscara de pré-filtragem M , que se mostra fundamental para o sucesso do procedimento de FENGJC.

Repare, por meio da Tabela 2, que empregar todos os valores de magnitude na construção do modelo é mais impactante que considerar todos

os valores de orientação, embora em ambos os casos o desempenho do procedimento de FENGJC apresente uma redução quando analisando o percentual de negativos eliminados. Além disso, o resultado para limiares de magnitude diferentes de 70 também é analisado nas duas últimas linhas da referida tabela. Por fim, a segunda linha da Tabela 2 mostra que a orientação de 90    responsável, sozinha, por grande parte dos negativos eliminados.

Tabela 2: Influência das magnitudes e orientações de interesse do HOG no procedimento de FENGJC.

Magnitude/ Orientação	<i>recall</i> (%)	txElimN (%)
≥ 70 / [90�, 60�, 30�, 0�, -30�, -60�]	100,00	44,24 $\pm$ 1,54
≥ 70 / [90�]	100,00	49,57 $\pm$ 1,61
≥ 0 / [90�, 60�, 30�, -30�, -60�]	100,00	6,16 $\pm$ 0,99
≥ 60 / [90�, 60�, 30�, -30�, -60�]	100,00	50,52 $\pm$ 1,92
≥ 80 / [90�, 60�, 30�, -30�, -60�]	100,00	48,62 $\pm$ 1,74

A Tabela 3 cont m o *recall* e a txElimN para diferentes tamanhos de leiaute do pedestre. Apenas uma rodada aleatória é suficiente nesta análise e a base de dados INRIA   empregada.

Tabela 3: *Recall* e txElimN para diferentes tamanhos de leiautes de pedestres ($\div 4 = 32 \times 16$ pixels).

Leiaute	$\div 16$	$\div 14$	$\div 12$	$\div 8$	$\div 4$	$\div 2$	$\div 1$
<i>recall</i>	98,06	98,54	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
txElimN	44,4	46,34	33,12	47,16	54,84	55,62	48,72

A Figura 4 apresenta os limiares L para cada tamanho de leiaute da Tabela 3, assim como a interpolação dos valores de L . Repare que a curva de aproximação possui um comportamento de fácil predição, o que facilita a estimativa de L , reduzindo o custo computacional em um processo de detecção multiescala.

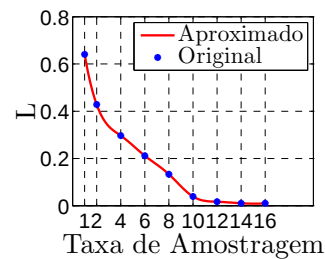


Figura 4: Curva do limiar L para diferentes tamanhos de leiaute.

Por fim, a Tabela 4 cont m resultados do emprego do método de FENGJC junto ao detector ACF em três casos: antes da etapa de SNM, durante (1) treinamento e teste, (2) apenas o teste, e (3) após a SNM. O resultado individual do ACF é apresentado no caso (4). As métricas de comparação utilizadas são o logaritmo da taxa média de perda ($\log average miss rate - \text{LogAvrMR}$)⁶, a

⁶Quanto menor o valor da LogAvrMR melhor.

precisão média (*average precision* - AP) e as taxas de eliminação de positivos (txElimP) e falsos positivos (txElimFP), em relação ao número de detecções, apenas no caso (3)⁷.

O caso 1 apresentou uma leve melhoria na qualidade, em termos da AP, e, em se tratando da LogAvrMR, uma leve depreciação. Isso indica que o detector foi mais preciso em suas detecções, ao utilizar a FENGJC, contudo, alguns pedestres deixaram de ser encontrados. Nos caso 2 e 3, não houve alteração significativa da qualidade do detector, o que está de acordo com algumas observações de (Hosang et al., 2014), onde, para algumas classes de objetos, os melhores métodos de *detection proposal*, quando associados a detectores de objetos, não apresentaram ganhos ou perdas expressivas em relação ao detector utilizado de forma isolada.

Em todos os quatro casos acima, avaliou-se também a pontuação atribuída pelo classificador   detecção antes de eliminá-la. Foram descartadas detecções com *PI* menor que o limiar *L* e pontuação menor que 60. O objetivo desse limiar de 60   evitar que detecções com alta pontuação sejam eliminadas pelo método de FENGJC, sendo esse valor obtido por meio de uma análise das pontuações atribuídas aos verdadeiros positivos. Por fim, ainda no caso 3, um baixo número de exemplos positivos e negativos, dentre as detecções retornadas pelo *ACF*, foram eliminados, aproximadamente 0,02% e 2,38%, respectivamente. Isso ocorre, pois os exemplos negativos retornados pelo *ACF* são aqueles que possuem *PI* próxima aos dos exemplos positivos, como ocorre na Figura2(a). A máxima pontuação atribuída pelo detector, dentre as detecções negativas eliminadas, foi de 48,67, o que mostra que o limiar de 60 é adequado, podendo até mesmo ser reduzido.

Tabela 4: Avaliação do procedimento de FENGJC junto ao detector *ACF* (INRIA).

Caso	LogAvrMR (%)	AP (%)	txElimP (%)	txElimFP (%)
1	18,25 ± 1,06	90,55 ± 0,46	—	—
2	18,16 ± 0,98	90,41 ± 0,70	—	—
3	18,17 ± 1,01	90,40 ± 0,74	0,02 ± 0,06	2,38 ± 0,39
4	18,17 ± 0,98	90,40 ± 0,70	—	—

5 Considerações Finais

O presente trabalho abordou um procedimento de filtra  em de exemplos negativos e geração de janelas candidatas, empregando um modelo estatístico do pedestre que utiliza histograma de gradientes orientados. Foram utilizadas na construção do modelo, com base em um detalhado estudo, apenas orientações e magnitudes avaliadas como características de imagens de pedestres, o que foi

⁷Na avaliação de qualidade de um detector, a determinação sobre o que é uma correta detecção ou um falso positivo é feita por meio da análise da métrica de pascal entre as detecções e as anotações de pedestres, conforme padronizado em (Dollár, Wojek, Schiele and Perona, 2012).

primordial para obtenção de resultados promissores. Foram conduzidas dezenas de experimentos para averiguar o *recall* e o percentual de negativos eliminados das bases de dados INRIA e Caltech. Observou-se uma taxa de eliminação de exemplos negativos em torno de 50% para um *recall* máximo, além de uma boa adaptabilidade do método quando treinado em uma base e testado em outra. Por fim, a utilização do método na saída de um detector de pedestres foi realizada, obtendo-se resultados compatíveis com os da literatura.

Referências

- Benenson, R., Mathias, M., Timofte, R. and Van Gool, L. (2012). *Pedestrian detection at 100 frames per second*, CVPR.
- Benenson, R., Omran, M., Hosang, J. and Schiele, B. (2015). *Ten Years of Pedestrian Detection, What Have We Learned?*, ECCV.
- Dalal, N. and Triggs, B. (2005). *Histograms of Oriented Gradients for Human Detection*, CVPR.
- Dollar, P., Appel, R., Belongie, S. and Perona, P. (2014). *Fast Feature Pyramids for Object Detection*, TPAMI.
- Dollár, P., Appel, R. and Kienzle, W. (2012). *Crosstalk cascades for frame-rate pedestrian detection*, LNCS.
- Dollár, P., Wojek, C., Schiele, B. and Perona, P. (2012). *Pedestrian detection: An evaluation of the state of the art*, TPAMI.
- Ger nimo, D., López, A. M., Sappa, A. D. and Graf, T. (2010). *Survey of Pedestrian Detection for Advanced Driver Assistance Systems*, TPAMI.
- Hosang, J., Benenson, R. and Schiele, B. (2014). *How good are detection proposals, really?*, BMVC.
- Hosang, J. H., Benenson, R., Dollár, P. and Schiele, B. (2015). *What makes for effective detection proposals?*, TPAMI.
- Hyvri nen, A., Hurri, J. and Hoyer, P. O. (2009). *Natural Image Statistics: A Probabilistic Approach to Early Computational Vision.*, Springer Publishing Company, Incorporated.
- Liu, Y.-F., Guo, J.-M. and Chang, C.-H. (2014). *Low Resolution Pedestrian Detection Using Light Robust Features and Hierarchical System*, Pattern Recognition.
- Nguyen, D. T., Li, W. and Ogunbona, P. O. (2016). *Human Detection from Images and Videos*, Pattern Recognition.
- Uijlings, J., van de Sande, K., Gevers, T. and Smeulders, A. (2013). *Selective search for object recognition*, IJCV.
- Viola, P., Jones, M. J. and Snow, D. (2003). *Detecting pedestrians using patterns of motion and appearance*, IJCV.
- Yang, B., Yan, J., Lei, Z. and Li, S. Z. (2015). *Convolutional Channel Features For Pedestrian, Face and Edge Detection*, ICCV.
- Zhang, S., Benenson, R. and Schiele, B. (2015). *Filtered channel features for pedestrian detection*, CVPR.
- Zitnick, C. L. and Dollár, P. (2014). *Edge boxes: Locating object proposals from edges*, ECCV.